

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar o que os psicanalistas de hoje têm a dizer sobre a anorexia nervosa, ou seja, como esta patologia é atualmente concebida pela psicanálise, já que se trata de um conceito que não é novo. Tal foi o ponto de partida para o primeiro capítulo, que consistiu em uma breve revisão da trajetória do conceito, desde seu aparecimento no âmbito médico em 1689, através da descrição de Richard Morton, até sua apropriação pela psicanálise quando essa teoria veio responder à tentativa de compreensão da anorexia nervosa oferecendo, na verdade, uma outra definição do quadro anoréxico. Foi, portanto, recorrendo à teoria psicanalítica que traçamos no decorrer desta dissertação considerações acerca do funcionamento psíquico na anorexia nervosa, assim como sua relação com a atualidade. Com a invenção da psicanálise, herdamos o legado freudiano, que nos trouxe uma rede teórica cara à compreensão daquilo que atormenta o ser humano, sendo objeto central de investigação, a dimensão inconsciente do sujeito que sofre e que é entendido como tendo uma história e peculiaridades que o tornam singular. Sendo assim, constatamos que a psicanálise se legitima enquanto campo de estudo para a compreensão da anorexia nervosa.

Assim, o primeiro capítulo consistiu em um breve histórico traçando a evolução do conceito até sua apropriação pela psicanálise. Isto exigiu que fosse demonstrada a definição do termo anorexia. Vimos que seu significado etimológico implica perda do apetite. No entanto, não é isto o que caracteriza a patologia cunhada como anorexia nervosa. Na busca desta definição, foi interessante notar que dois dicionários da língua portuguesa, um da década de setenta e outro deste início de século, já apresentam anorexia com um significado ampliado, sendo uma doença relacionada a fatores psíquicos em que a abstinência alimentar é voluntária. Vimos que apenas um dicionário específico de psicologia porta esse conceito e nos chamou atenção o fato de nenhum dos dicionários que são considerados referência no âmbito psicanalítico incluir a anorexia nervosa entre seus verbetes. Foi esta observação que nos levou a supor que a anorexia nervosa não é um conceito oriundo da psicanálise. Este dado foi também o que o próprio histórico do conceito veio confirmar. Ao resgatar a incidência da manifestação anoréxica nos seus relatos mais remotos, vimos que ela tinha inicialmente uma conotação religiosa, já que as santas, e posteriormente as bruxas,

apresentavam a inanição auto-imposta. Desta forma, podemos hoje sublinhar que a abstinência alimentar, ainda que dotada do significado religioso da época, trazia em si a possibilidade de abdicação dos prazeres carnis, apontando assim, para uma recusa da sexualidade, o que é também característico das anoréxicas de hoje. Além disso, não encontramos em nenhum relato histórico sobre a anorexia a preocupação com a perda de peso e a ênfase na magreza, tão presente em nossos tempos, estando apenas associado ao que viria a ser conceituado como *anorexia nervosa* o prestígio social e o reconhecimento pela ascese.

Foi a partir dos avanços científicos, por volta dos séculos XVII e XVIII, que se passou a buscar fatores orgânicos na compreensão da anorexia nervosa que justificasse que esta fosse considerada uma enfermidade física ou mental. Desta forma, o conceito foi evoluindo para que o discurso médico não mais tratasse esses casos como uma questão de santas ou bruxas, mas como um quadro mórbido evidenciando uma estranha enfermidade. Entretanto, percebemos que não havia consenso quanto à definição da anorexia e esse quadro passou por períodos em que encontramos divergências quanto a seus fatores pré-dispositivos.

O século XIX se mostrou particularmente fecundo ao estudo desta doença, na medida em que foi nesta fase que o termo foi cunhado e a anorexia passou a ser vista como uma entidade clínica separada de outros quadros. Contudo, vimos que apenas por volta da década de setenta do século passado a relação com a busca pela magreza foi incorporada e vista como indispensável à conceituação da anorexia nervosa.

Foi possível, então, observar que uma manifestação inicialmente associada prioritariamente ao corpo físico e a causas orgânicas pelo âmbito médico, foi adquirindo um contorno cada vez mais relacionado aos fatores do psiquismo humano. Além disso, observou-se também que, mais recentemente, Russel (*apud* Nunes e Ramos, 1998) concluiu que a expressão psicopatológica da anorexia nervosa estaria sujeita a variar com a época e a cultura e que o desejo de emagrecer seria um aspecto recente da motivação anoréxica.

Apesar de o percurso histórico ter deixado claro que a anorexia não é um conceito da psicanálise, ele permitiu ver como essa abordagem foi se apropriando do conceito, e como através de seus instrumentos teóricos, vem tentando elucidar a dinâmica anoréxica. Freud já havia atentado para esta questão. Vimos que ele falou de anorexia em seus escritos

inicias e ressaltou correlações com a histeria, melancolia e sexualidade, para então considerá-la um distúrbio oral. Apesar de ter sido uma contribuição restrita, foi, ao nosso ver, o que possibilitou desenvolvimentos posteriores a respeito do tema. Ela deu origem a uma vertente que tende a enfatizar a oralidade como componente essencial na compreensão da anorexia nervosa e que tem origem em Deutsch, na década de trinta, e foi até a década de cinqüenta quando destacamos as contribuições de Fenichel. A partir de então sublinhamos a ênfase na relação mãe-filha que se inicia com a herança de Klein. Esta divisão que preconiza dois momentos, aquele que relaciona a anorexia nervosa à fase oral e o outro que privilegia a relação interpessoal, é apenas didática e fruto da constatação da diversidade de enfoques com que a anorexia é vista.

Essa exploração do campo nos levou a concluir que não há uma abordagem unívoca, concordante, ou linear na compreensão da anorexia. Constatamos também que não podemos localizar um só autor que seja representativo do estudo desse tema, já que vimos que a anorexia pode ser olhada através de diversos ângulos e estes não são necessariamente excludentes, mas vem explicar uma parte da questão, tamanha é sua complexidade. Foi particularmente difícil situar autores como Philippe Jeammet e Bernard Brusset, pois poderiam estar entre os autores contemporâneos, já que não temos as datas precisas e encontramos textos deles que não estes e que datam do início da década de noventa. Entretanto, optamos por incluí-los dentre os autores do segundo momento do entendimento da anorexia, por privilegiarem as relações objetais e trazerem uma visão bem ampla e densa do tema que não caracteriza os artigos mais recentes.

Através da constatação de que a apropriação da anorexia nervosa pela psicanálise acompanhou o movimento psicanalítico, procuramos investigar mudanças ou continuidades no entendimento da anorexia nervosa pela psicanálise contemporânea. A atualidade da questão também foi por nós levada em consideração, pois nos chamou atenção a relação existente entre a anorexia e a magreza, sobretudo hoje quando temos o corpo esbelto como o modelo de beleza vigente. Associado a este fato está a difusão do tema hoje, que é freqüentemente abordado pela mídia numa perspectiva que vincula a busca implacável da magreza ao desenvolvimento da anorexia. Muitas vezes estas reportagens alertam sobre os perigos de desejar o corpo ideal através de uma relação de causalidade entre o desejo de ser magra e parar definitivamente a alimentação, gerando intenso sofrimento psíquico. A

literatura psicológica sobre o tema que procura enfatizar o contexto em que um indivíduo se insere e o desencadeamento de quadros como a anorexia, também vai nesta mesma direção. No entanto, enquanto psicanalistas, entendemos que não há uma polaridade entre o sujeito e seu mundo, como já dizia Freud (1921). Pensamos ainda que esta forma de ver o sujeito é uma tendência do movimento psicanalítico atual. Assim, considerando sujeito e contexto sócio-cultural como duas faces de uma mesma moeda, ou ainda como uma gestalt, sublinhamos a importância em considerar que um sujeito que apresenta anorexia está também inserido numa cultura que valoriza a magreza, que é a forma como ele se apresenta. Este fato não poderia ser por nós negado.

Decidimos, portanto, no último capítulo selecionar alguns artigos que nos mostraram qual a leitura psicanalítica presente na atualidade, bem como o lugar em que o corpo ocupa hoje numa sociedade dita de consumo. Com esse capítulo foi possível mostrar que apesar de darem destaque a algumas características do cenário atual, estes são entendidos apenas como facilitadores do desenvolvimento da anorexia. O desejo de emagrecer, que está estritamente relacionado tanto à anorexia quanto à contemporaneidade e que são incluídos, foi visto, em última análise como uma desculpa ou motivação inconsciente para o sintoma e que pode ter diversos significados que variam de um a um.

Concluimos ainda com essa exposição que o que a anoréxica tem a dizer, ou melhor, justamente por não pode fazê-lo, é explicitado através de seu corpo, que passa a portar todo seu sofrimento. Assim, entendemos que o trabalho do psicanalista é poder acolher esse sujeito que sofre e que por razões próprias não pode dizer de outra forma, a não ser por seu aspecto descarnado e pela insistência em não querer o alimento.

O desenvolvimento desta dissertação nos levou também, em última análise, a pensar que, numa perspectiva psicanalítica, entendemos que a anorexia é mais uma forma que o sujeito tem de se expressar, dizer de si, contradizendo a idéia inicial de que se poderia pensar numa clínica da anorexia.